



ENSINAR E APRENDER FILOSOFIA NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO: REALIDADE, FORMAÇÃO E APRENDIZAGEM

Simone Becher Araujo Moraes – UFSM
Tânia Mara De Bastiani – UFSM

Resumo: Não é de hoje que a questão do ensino e da aprendizagem de filosofia têm preocupado muitos pesquisadores da educação. A partir do seu recente retorno ao currículo do Ensino Médio, inúmeras questões sobre como ela deve ser abordada e quais instrumentos didáticos seriam os mais efetivos e adequados dentro deste contexto de ampliação das possibilidades tecnológicas, tornam-se questões cruciais, principalmente para o professor, que, frente ao domínio cada vez maior do uso das tecnologias por parte dos alunos, sente-se provocado a repensar a sua prática pedagógica. O presente trabalho diz respeito a uma pesquisa em andamento e pretende lançar um olhar, ainda que provisório, sobre a dinâmica que nos encaminha a reflexões quanto à prática do ensino de filosofia na sociedade da tecnologia bem como a formação dos professores desta disciplina, considerando de maneira mais ampla as necessidades e subjetividades dos sujeitos envolvidos no processo de ensino- aprendizagem de filosofia.

Palavras-chave: Filosofia, ensino- aprendizagem, tecnologias.

Introdução

Muitas transformações tecnológicas acabam por nos direcionar para mudanças na prática do ensino de filosofia, ao mesmo tempo em que, sinalizam mudanças no conceito de identidade dos sujeitos envolvidos na prática educativa, principalmente no que diz respeito às ações simbólicas criadas na escola como espaço social e na comunicação pedagógica. Com a ampla utilização das tecnologias da informação da comunicação em praticamente todos os setores da vida social, cada vez mais se faz presente a necessidade de uma revisão nas práticas pedagógicas, no que se entende sobre como e porquê ensinar filosofia e sobre como o aluno que está cada vez mais inserido neste contexto tecnológico está aprendendo ou não a utilizar-se das ferramentas e conceitos próprios da filosofia.

O problema central desta pesquisa se caracteriza pelas seguintes perguntas: De que forma as tecnologias da informação e da comunicação estão presentes (ou não estão presentes) nas aulas de filosofia? É possível que elas sejam utilizadas no ensino desta disciplina? O que dizem os filósofos e pesquisadores da educação sobre isso? De que maneira

a formação do professor desta disciplina no contexto das novas tecnologias tem ou não o auxiliado na sua prática pedagógica? De que forma o ensino-aprendizagem de filosofia têm sido afetados pelas inovações tecnológicas?

A fim de tentar responder tais questões, a pesquisa tem como objetivo geral procurar extrair do cotidiano escolar, da prática de ensino de filosofia exercida em algumas escolas de Santa Maria (duas escolas da rede municipal, duas da estadual e duas da rede privada), uma idéia mais ampla sobre como os processos sociais, as mudanças tecnológicas e a criação das subjetividades refletem nas relações de ensino e de aprendizagem da filosofia, bem como identificar como as novas tecnologias têm ou não se inserido nas aulas de filosofia e como isso reflete no aprendizado e no desenvolvimento da autonomia no aluno quanto ao seu próprio percurso de aprendizagem e de seu filosofar. E ainda, pesquisar sobre como as mudanças tecnológicas na sociedade tem influenciado na constituição da própria formação e identidade do professor de filosofia, enquanto sujeito que está amplamente suscetível à elas que são internas e externas à escola e muitas vezes trazidas pelo próprio aluno.

Para isso, o presente trabalho desenvolve-se seguindo os métodos de refinamento bibliográfico, pesquisa de campo, coleta, leitura, como análise crítica dos resultados e contribuições deles para a realidade dos professores de filosofia. Estão abaixo, explicitadas as três momentos em que o trabalho se desenvolve, sendo que no presente momento, mesmo estando em construção da primeira parte, já podemos destacar algumas breves conclusões que serão discutidas nos tópicos seguintes:

Momento I: Construção de um quadro teórico e refinamento do material sobre o tema que embasará a interpretação da coleta de dados de cunho qualitativo para fins deste trabalho, sendo que a formulação da conclusão terá como referenciais obras de autores pesquisadores na área da filosofia da educação e do uso das tecnologias;

Momento II: Pesquisa de campo com os professores de filosofia e os alunos de seis escolas que possuem o Ensino Médio em Santa Maria. Serão eleitas duas escolas da rede Estadual, duas escolas da rede Municipal e duas escolas da rede privada, a fim de coletar dados para a pesquisa através de questionários com questões abertas, considerando a escola e a sala de aula um local de relações dinâmicas, conflitantes e complexas e o professor de filosofia e seu alunado como sujeitos imersos em um contexto específico e suas subjetividades;

Momento III: Apresentação dos resultados da pesquisa, inserindo-os, de acordo com as metas da pesquisa. Análise pessoal, crítica e reflexiva, desenvolvendo e sugerindo propostas e possibilidades, tendo em vista a análise do material levantado conflitandolo com as bibliografias referentes ao tema proposto.

O contexto das novas tecnologias e suas demandas

O espaço social que o ensino de filosofia ocupa na sociedade atual, nos faz refletir e questionar as relações existentes entre a ordem social, a escola e a prática de ensino. Um dos pontos que vem a nortear estas reflexões é a possibilidade de compreender melhor a irrupção do novo por meio da prática educativa, pois, de acordo com Aranha (2007, p.31): “A educação não é simples transmissão da herança dos antepassados para as novas gerações, mas o processo pelo qual se torna possível a gestação do novo e a ruptura com o velho”.

Kant, ao definir o que é essencial na relação ensino-aprendizagem de filosofia, admite as dificuldades referentes ao seu ensino e ressalta que não se aprende filosofia, pois não há nada para aprender, nem tão pouco a ensinar (Kant, 1992, p.174). Podemos perceber então, que a filosofia não é um corpo de conhecimentos bem definido ou bem acabado, em que o professor deve ensinar e o aluno simplesmente reproduzir as informações, a filosofia é um sistema em constante movimento e só é aprendida no seu exercício, com o indivíduo pensando por si mesmo e construindo os conceitos. Por isso, Kant diz que só se aprende filosofia no uso autônomo da razão e não com o uso imitativo, diz também, que ela é ao mesmo tempo uma prática concreta, específica e uma elaboração de conceitos e idéias.

Vemos que com a crescente emergência das novas tecnologias na nossa sociedade, do *ciberespaço* e do *hipertexto*, das redes sociais o *lógos* acaba por sair apenas da página impressa e adota instrumentos novos, vivos e com flexibilidade, originando a cada minuto uma nova dinâmica de ser fazer e falar sobre o mundo, refletindo isso diretamente na escola e nas relações escolares. É dentro desse novo *lógos* que se dará cada vez mais frequentemente o diálogo humano, e é nesta dialética eletrônica hipertextual, que cresce cada vez mais o debate e a criação filosófica contemporânea, trazendo diversas demandas ao professor de filosofia, que em meio a tantos recursos, acaba por sentir a necessidade de lançar mão deles para realizar de uma maneira mais efetiva e atualizada sua proposta pedagógica.

Estas muitas transformações, ocorrem em meio a uma sociedade que antes era disciplinar e se tornou uma sociedade de controle, mas que tem ainda muito presente os

moldes disciplinadores, tanto de organização, quanto de enaltecimento dos conhecimentos técnicos e científicos, que por vezes têm sido considerados mais corretos e verdadeiros frente às ciências humanas, conforme Deleuze (1992, p.220) “Trata-se apenas de gerir sua agonia e ocupar as pessoas, até a instalação das novas forças que se anunciam. São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares”.

Portanto, é dentro desta realidade que devemos pensar o ensino de filosofia, procurando de uma forma diferenciada dos princípios educacionais tradicionais¹, engessadores das práticas educativas, buscar novas formas de desconstruir essas práticas dogmáticas, indo ao encontro do diferente, o múltiplo e desse novo contexto das tecnologias em que a escola está inserida ou iniciando sua inserção, pois, de acordo com Kenski (1998, p.61):

Favoráveis ou não, é chegado o momento em que nós, profissionais da educação, que temos o conhecimento e a informação como nossas matérias-primas, enfrentarmos os desafios oriundos das novas tecnologias. Esses enfrentamentos não significam a adesão incondicional ou a oposição radical ao ambiente eletrônico, mas, ao contrário, significam criticamente conhecê-los para saber de suas vantagens e desvantagens, de seus riscos e possibilidades, para transformá-los em ferramentas e parceiros em alguns momentos e dispensá-los em outros instantes.

A partir da citação acima e transpondo-nos para o contexto atual, percebemos que, aparentemente, os alunos parecem estar prontos para a inserção de recursos tecnológicos na sua aprendizagem enquanto os professores de uma forma geral ainda não. Não obstante, é imprescindível que o educador conheça o que cada uma das facilidades tecnológicas tem a oferecer e como podem ser exploradas nas diferentes situações do cotidiano escolar, e isso, pode se dar mediante a boa e profícua formação dos professores de filosofia.

A formação do professor de filosofia

O processo de formação dos professores, em um primeiro plano, está diretamente relacionado com a sua capacidade individual e com a sua vontade, ou seja, cada pessoa é de certa forma responsável pela parte inicial da sua formação, não significando que a mesma seja sempre totalmente autônoma, mas é precisamente, por meio da interformação que os

¹ A educação tradicional tem como uma das principais características o ensino como transmissão, onde o professor, seria uma espécie de perito que passa a informação a um grupo menos instruído e o avalia a fim de verificar o quanto este grupo aprendeu.

professores encontram meios e contextos de aprendizagem que possibilitem seu aperfeiçoamento tanto no aspecto pessoal como no profissional (Garcia, 1999). Esse processo de interformação, pode ser compreendido como um tipo de ação educativa que ocorre entre os futuros educadores e outros educadores que estão se atualizando, podendo promover diferentes e oportunos contextos de aprendizagem e desenvolvimento tanto de quem forma como dos que estão sendo formados. Não obstante, para que isso ocorra, são necessários apoio e planejamento pedagógico, o que raramente, salvo raras exceções, ocorre em nossas instituições de ensino, sobretudo nas Universidades.

Temos ainda muito presente no contexto Universitário a ideia salvacionista, que prega ser a filosofia a disciplina que estava faltando para ensinar o aluno a ser finalmente mais crítico acerca de si e do mundo ao seu redor capaz de torná-lo um cidadão mais participativo no meio em que vive, de dar a ele um novo sentido de vida e sobre o que é estar na escola e fazer parte de uma sociedade (TREVISAN et. al., 2010, p.337). Não obstante, muitos professores que vivenciam a dinâmica escolar no dia-a-dia, ressaltam a impossibilidade e as limitações desta concepção, uma vez que ele encontra inúmeras resistências em seu percurso tanto acadêmico quanto no exercício da profissão que muitas vezes inviabilizam a prática do novo. Pois, de certa forma, além do conteúdo ensinado em sala de aula, existem outras estruturas também a serem revisadas, pensadas e consideradas. Estruturas estas, que estão intimamente ligadas e relacionadas com o que o professor de filosofia deve trabalhar em sala de aula, e isso, de forma alguma deve ser deixado de lado durante a elaboração de um currículo de filosofia, e muito menos durante a preparação dos acadêmicos das licenciaturas em filosofia nas Universidades. Estas questões de cunho bastante prático precisam ser bem elaboradas por um pensamento treinado e atento, bem como por políticas que incentivem a formação e desenvolvimento mais completo do professor, para que tenham utilidade e efetividade nas etapas de apropriação por parte do aluno dos conteúdos e conceitos ditos “filosóficos”.

Mesmo neste contexto de maior acesso às tecnologias, a formação do professor, portanto, envolve muito mais do que prepará-lo com conhecimento técnico sobre computadores ou dispositivos eletrônicos. A formação deve proporcionar as condições para que ele possa construir conhecimento sobre os aspectos computacionais e tecnológicos, compreender as perspectivas educacionais subjacentes às diferentes aplicações do computador e entender de forma crítica por que e como integrar com esses recursos na sua prática pedagógica, proporcionando ao professor as bases para que possa ele superar barreiras de ordem administrativa e pedagógica, possibilitando a transição de um sistema fragmentado de

ensino para uma abordagem integradora de conteúdo e voltada para a elaboração de projetos temáticos do interesse de cada aluno, criando assim, condições para que o professor saiba recontextualizar o aprendizado e a experiência vivida durante sua formação para sua realidade de sala de aula, compatibilizando as necessidades de seus alunos e os objetivos pedagógicos que se dispõe a atingir (Prado e Valente, 2002).

Sendo assim, uma formação neste sentido é extremamente desafiadora, pois, sendo pensada de uma forma crescente de aprendizagem e preparação, de maneira que o professor adquira ao mesmo tempo as habilidades, competências pedagógicas e técnicas didáticas adequadas que a profissão e a sociedade requerem, e, finalmente para que a educação evolua em qualidade, deixando de ser baseada na mera transmissão da informação para incorporar os aspectos da construção do conhecimento pelo aluno, é importante que o professor saiba como e quando utilizar as tecnologias digitais que estão cada vez mais incorporadas em nossa sociedade.

Buscamos em Lévy (1993) na tentativa de entender como as informações adquiridas por meio das novas tecnologias têm a possibilidade de tornarem-se conhecimento, e sobre qual é o papel do professor, que mais do que nunca, tem a responsabilidade de orientar o aluno nesse processo, dentro e fora do ambiente escolar. Percebemos que existe a profunda necessidade de adquirir uma nova visão da realidade e do mundo que estamos inseridos, tendo como base o *ciberconhecimento*, uma visão que possibilite assim, a *ciberaprendizagem* (Leite, 2011).

Nesse sentido, desenvolver-se como profissional professor de filosofia, requer um compromisso de aprendizagem contínua, para além dos conhecimentos teóricos da disciplina. Além disso, a participação efetiva do professor em seu próprio desenvolvimento durante toda a carreira docente é requisito básico para ele mesmo se reconhecer como profissional e também comportar-se como tal na conjuntura da sociedade do século XXI, caracterizada pela ampla e aberta difusão do conhecimento por meio das mais variadas tecnologias.

Aprender filosofia no contexto das novas tecnologias

Ao sermos inevitavelmente obrigados a relacionar a escola com tecnologias, pois o mundo globalizado em que vivemos nos exige e envolve gestores, professores, aluno e sociedade, nos questionamos acerca dos novos conceitos e noções sobre educação, da relação

professor- aluno, aluno- escola, escola- comunidade, sobre como trabalhar com os conteúdos filosóficos e qual metodologia seria mais adequada ao atual contexto.

Óbvio, ao refletirmos sobre tecnologias e educação, é necessário que analisemos a situação nas quais as instituições de ensino possuem de acesso às ferramentas de comunicação e interação, não bastando apenas discutir sobre a aquisição dos recursos tecnológicos, mas também sobre como esses recursos vem sendo recebidos pelos profissionais da educação e pelos alunos. Em nosso país, muitas escolas já possuem computadores e equipamentos de multimídia, tais como data-shows e telas, televisores, câmeras filmadoras e fotográficas e aparelhos de som. Mas, infelizmente, não são poucas as instituições de ensino que não tiveram ainda o acesso a esses aparatos tecnológicos, sinalizando ainda a precariedade e descaso político com a educação. Não obstante, as ferramentas tecnológicas em instituições de ensino se fazem cada vez mais essenciais para a formação dos cidadãos, uma vez que a sociedade como um todo, tem se tornado cada vez mais dependente da tecnologia em todos os seus setores.

Existe uma grande expectativa de que as TIC (Tecnologias da Informação e da Comunicação) tragam soluções rápidas para o desenvolvimento e qualidade do processo de ensino-aprendizagem não apenas da disciplina de filosofia, mas de todas as outras disciplinas em geral. Certamente esses recursos podem resultar em novos e interessantes projetos diferenciados das propostas pedagógicas já existentes. Não obstante, se aprender dependesse só das ferramentas tecnológicas já teríamos encontrado novas soluções há muito tempo (Torres e Cavalcanti, 2011).

Partindo do pensamento de Aspis (2004), percebemos que a aprendizagem de filosofia se constrói na relação didática. “As aulas de filosofia são um lugar de estudo e produção filosóficos” (p.315). Hoje, mais do que nunca, essa relação didática acaba por ultrapassar as paredes das salas de aula, pois, por meio das tecnologias é possível que se aprenda a produzir filosofia nos diferentes meios e com as mais variadas ferramentas tecnológicas, cabendo assim, ao professor, conduzir o aprendizado do aluno de uma maneira diferenciada, provocando reflexões individuais ou em grupos, a fim de desenvolver em seus alunos uma postura filosófica, que manifeste interesse pela realidade como um todo de forma mais crítica e que também consiga falar, escrever e se posicionar frente ao mundo. Conforme Pimental&Monteiro (2010, p.10) “A educação filosófica é vista como uma possibilidade de experiência formativa, por onde o educando engendra-se com o mundo.” Não obstante, em se tratando de um mundo pós-moderno e tecnológico em que vivemos, o objetivo da filosofia não é o de aprimorar mais o comportamento técnico somente voltado para o uso dessas novas

ferramentas e mídias, mas sim o de desenvolver o amadurecimento da capacidade reflexiva e crítica do aluno. Conforme Benetti (2005, p.306):

[...] o ato de pensar inclui em seu bojo algo que vai além das formas metódicas de direcionar o pensamento, ou seja, traz no seu contexto a construção/desconstrução/experimentação da vida. E potencializar a experimentação da vida e dos afetos advindos da relação com conceitos filosóficos que se produzem em relação com a arte, literatura, política, entre outros.

Com isso, torna-se possível uma experimentação maior da vida a partir do uso dos aparatos tecnológicos que estão ao alcance da escola, e, por meio de propostas que envolvam práticas educacionais criativas, com uma maior ênfase em valores como o conhecimento crítico, autonomia do pensamento, a tecnologia pode ser um elemento favorável à aprendizagem de filosofia.

Conclusão

Como este trabalho compreende um estudo em andamento e exploratório, cujas outras etapas ainda serão importantes para complementá-lo, algumas questões que envolvem o ensino e aprendizagem de filosofia no contexto das tecnologias ainda ficaram de certa forma sem respostas. Entretanto, a partir do trabalho de refinamento bibliográfico, foi possível pontuarmos alguns conceitos que são importantes para a pesquisa, principalmente a de campo. Conceitos esses, extremamente importante para o prosseguimento da pesquisa.

Vemos então que, cada vez mais o ensino de filosofia deveria estar se encaminhado no sentido de preparar o aluno não apenas no sentido do instrumental teórico e conceitual próprio da filosofia, mas sim para que ele consiga aplicar em seu dia-a-dia as informações que recebe de forma mais crítica e autônoma, sendo que esta convergência que as tecnologias trazem em forma de novidades e possibilidades para a educação só é possível com uma boa e estruturada formação dos professores de filosofia desde a Universidade, pois eles, munidos de habilidades teóricas e práticas se torna mais capaz de educar neste contexto sociocultural atual.

Com as novas tecnologias e novas formas de organização e estruturação da sala de aula, o ensinar e o aprender filosofia na sociedade da tecnologia são um desafio para o governo e suas políticas educacionais, para a escola e toda a sua estrutura que necessita ser revisada e atualizada, para os gestores que são responsáveis por abrir os caminhos e proporcionar espaço para o novo, para os professores que necessitam buscar uma atualização

constante e vontade de aprender e para o aluno que está sedento por utilizar os aparatos de sua época para aprender.

Referências

ARANHA, M. G. L. **Filosofia da Educação**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 2007.

ASPIS, Renata Pereira Lima. **O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica**. Cad. CEDES, Campinas, v. 24, n. 64, Dec. 2004 .

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622004000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Set. 2011.

BENETTI, C.C. **Dificuldades e possibilidades que constituem o ensino-aprendizagem de filosofia nas escolas: um olhar voltado às implicações singulares na constituição do pensamento**. In: RIBAS, M.A.C.(Org.). *Filosofia e Ensino: a filosofia na escola*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

CUPANI, A. **A tecnologia como problema filosófico: três enfoques**. Sci. stud., São Paulo, v. 2, n. 4, Dec. 2004 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662004000400003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 Set. 2011.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Trad. Luis Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____. **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. **Conversações**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. Gilles. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2007.

GARCÍA, Carlos Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Porto: Porto Editora, 1999.

GELAMO, Rodrigo Peloso. **Notas sobre o problema da explicação e da experiência no ensino da Filosofia**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 36, n. 2, Aug. 2010 . Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Sept. 2011.

Integração das Tecnologias na Educação/ Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, Seed, 2005.204 p. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/images/stories/publicacoes/salto_para_o_futuro/livro_salto_tecnologias.pdf> Acesso em: 13 de Jan.2012.

KANT, Immanuel. **Antropología Práctica** (Según el manuscrito inédito de C.C. Mrongovius, fechado em 1785). Trad. Roberto Rodríguez Aramayo. Madrid: Tecnos, 1990.

___. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Valerio Rohden e Udo B. Moosburger. 2. ed. São Paulo: Abril cultural, 1983.

___. **Manual dos cursos de Lógica geral**. Trad. Fausto Castilho. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

___. **“Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no Semestre de Inverno de 1765-1766”**. In: *Lógica*. Trad. Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1992.

___. **Sobre a Pedagogia**. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: UNIMEP, 1999.

KENSKY, V. M. **Novas tecnologias: o redimensionamento de espaço e tempo e os impactos no trabalho docente**.1997.14f.Artigo(Faculdade Educação)-Universidade de São Paulo. São Paulo. 1998. Disponível em <<http://www.scribd.com/doc/283411/RBDE08-07-VANI-MOREIRA-KENSKI> > Acesso em: 15 Set. 2011.

LEITE, Carlos. **A virtualidade na mediação simbólica e na linguagem sob o ponto de vista docente na aprendizagem**. Universidade de São Paulo Faculdade de Educação. São Paulo. 2011. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-21072011-103150/es.php>> Acesso em 02 de Fev. 2012.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

OURIQUE, M. **Performances da docência: compreensão das dimensões filosóficas da formação**. Rev. Bras. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, Dec. 2010 . Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782010000300011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Set. 2011.

PIMENTEL, Anderson Magno da Silva; MONTEIRO, Dawson de Barros. **O professor de filosofia: limites e possibilidades - dinâmica e problematização do ensino-aprendizagem**. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 36, n. 1, Apr. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022010000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 Fev. 2012.

PRADO, M. E. B. B; VALENTE, J. A. A educação a distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica. In MORAES, M. C. (Org.) Educação a distância: fundamentos e práticas. Campinas: Nied-Unicamp, 2002, p. 27-50. Disponível em:< www.nied.unicamp.br/oea> Acesso em 27 Jan.2012.

SCHLEMMER, E. **Inovações?Tecnológicas?na Educação**. In: Educação a distância: desafios contemporâneos. São Carlos: EdUFSCar, 2010. 344 p.

TORRES, G; CAVALCANTE P. **Mediação Pedagógica em Blog no Ensino Médio**. Congresso Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem. Pelotas, RS. 2011. Disponível em: <<http://www.conahpa.org/wp-content/themes/Conahpa/papers/final152.pdf>> Acesso em: 17Jan 2012.

TREVISAN, Amarildo.;TOMAZETTI, E. M.; ROSSATTO, Noeli Dutra (orgs.) **Diferença, cultura e educação**. Porto Alegre: Sulina, 2010.423p.